

Planos de aula / Língua Portuguesa / 6º ano / Análise linguística/Semiótica

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

Por: Matheus Seiji Bazaglia Kuroda / 04 de Janeiro de 2019

Código: **LPO6_07SQA07**

Sobre o Plano

Este plano de aula foi produzido pelo Time de Autores NOVA ESCOLA

Professor-autor: Matheus Seiji Bazaglia Kuroda

Mentor: Luciana Soares

Especialista: Silva Albert

Título da aula: **Atividade de descoberta: a personificação nos mitos**

Finalidade da aula: **Ler um texto mitológico rico em expressividade para descobrir o que é uma figura de linguagem (personificação) e a sua função no texto.**

Ano: **6º ano do Ensino Fundamental**

Gênero: **Mito**

Objeto(s) do conhecimento: **Figuras de linguagem**

Prática de linguagem: **Análise Linguística e Semiótica**

Habilidade(s) da BNCC: **EF69LP38**

Esta é a sétima aula de uma sequência de 15 planos de aula. Recomendamos o uso desse plano em sequência.

Materiais complementares

-  **Documento**
Texto para impressão - Mitos
<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/WV9CX53RjSayGRP5nQR8BxMnQyzaBxnmH9EB3JSw22zAjdu3aaMq8FSjWQU7/texto-para-impressao-mitos-lpo6-07sqa07.pdf>

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

Slide 1 Sobre este plano

Este slide não deve ser apresentado para os alunos, ele apenas resume o conteúdo da aula para que você, professor, possa se planejar.

Sobre esta aula: Esta é a sétima aula de uma sequência de 15 planos de aula com foco no gênero Mito e no campo de atuação artístico literário. A aula faz parte do módulo de Análise Linguística e Semiótica. É desejável que os alunos já tenham sido apresentados ao gênero mito para que consigam realizar de forma mais produtiva esta aula.

Materiais necessários:

Computador, projetor multimídia e tela.

Cópia do texto: “Por que o Sol e a Lua foram morar no céu“. In: BRAZ, Júlio Emílio. Sukulume e outros contos africanos. Adaptação de Júlio Emílio Braz, 2.ª Ed, Rio de Janeiro:Pallas, 2008, p. 08-11.

Cópia do texto: “A lua feiticeira e a sua filha”, disponível em:

<<http://www.ponto.altervista.org/Lugares/Lendas/luna>

Acesso em: 5 out. 2018.

Cópia do texto: “Os filhos do Trovão”, disponível em: <http://www.folclore.net.br/lendas-folcloricas/os-filhos-do-trovaio_10.php>. Acesso em: 5 out. 2018.

Cópia do texto: “O Princípio: O Caos”, disponível em: <<http://www.afilosofiaestanoar.blog.br/sem-categoria/o-principio-o-caos/>>. Acesso em: 4 out. 2018.

Material para escrita: caderno, lápis, borracha, etc.

Informações sobre o gênero: Narrativa pedagógica de tradição oral que explica os diferentes fenômenos naturais e sobrenaturais utilizando uma linguagem simbólica.

Dificuldades antecipadas: Os alunos poderão ter dificuldades em entender os sentidos das figuras de linguagem do texto porque podem não ter a percepção da linguagem figurada bem desenvolvida.

Referências sobre o assunto:

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. As figuras de linguagem. São Paulo: Ática, 1989.

RICOUER, Paul. A metáfora viva. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SPOTTI, Carmem Véra Nunes. Análise da personificação e dos elementos ambientais presentes nas narrativas orais da Comunidade Nova Esperança - RR. 2011. 126p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de

Título da aula: **Atividade de descoberta: a personificação nos mitos**

Finalidade da aula: **Ler um texto mitológico rico em expressividade para descobrir o que é uma figura de linguagem (personificação) e a sua função no texto.**

Ano: **6º ano do Ensino Fundamental**

Gênero: **Mito**

Objeto(s) do conhecimento: **Figuras de linguagem**

Prática de linguagem: **Análise Linguística e Semiótica**

Habilidade(s) da BNCC: **EF69LP38**

Esta é a sétima aula de uma sequência de 15 planos de aula. Recomendamos o uso desse plano em sequência.

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

Roraima, Boa Vista, 2011. Disponível em:

<http://www.bdt.d.ufr.br/tde_arquivos/5/TDE-2012-09-21To83839Z-75/Publico/CarmemVeraNunesSpotti.pdf>. Acesso

em: 5 out. 2018.

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

Slide 2 Tema da aula

Tempo sugerido: 2 minutos

Orientações:

Apresente a proposta da aula aos alunos: nesta aula, serão lidos quatro mitos/lendas sobre diferentes assuntos. A partir da leitura, será analisada a linguagem usada no gênero, enfatizando a presença da personificação e seus efeitos de sentido.

A linguagem dos mitos

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

Slide 3 Introdução

Tempo sugerido: 10 minutos

Orientações:

Organize a sala em grupos. Incentive, durante a aula, o diálogo e a interação, para otimizar a aprendizagem.

Inicie lendo dois trechos que possuem o mesmo tema: a lua. No primeiro trecho, retirado de um dicionário, é apresentada uma definição do vocábulo “lua”; no segundo, há um trecho de um mito para destacar o uso da linguagem conotativa e expressiva, personificando a “lua”.

Alguns alunos poderão encontrar dificuldades com o vocabulário do segundo trecho. Caso essa hipótese se confirme em sala de aula, peça que os alunos tentem resgatar os significados das palavras desconhecidas pela análise do contexto do enunciado, procurando por pistas que podem fornecer significados (Por exemplo: o trecho “não comem ratos nem carne de porco e também não apreciam cerveja” podem ajudar a chegar à conclusão de que “monhé” pode ser um tipo de árabe, muçulmano etc.). Por outro lado, caso prefira, também podem ser dadas as definições de algumas palavras normalmente desconhecidas, como: “monhé” (no mito, comerciante árabe) e “pilar” (esmagar com o pilão).

A partir da leitura desses dois trechos, iniciando uma discussão oral, peça que os alunos respondam às questões: “O que você achou dos textos? Quais diferenças entre eles?”. Peça que eles se atentem ao estilo dos dois textos.

Discuta com os alunos para que, a partir da interação, percebam que o segundo trecho possui uma linguagem conotativa e rica em significados, enquanto o primeiro trecho é mais objetivo.

Respostas possíveis/ desejáveis:

Para esta atividade, há várias possibilidades de respostas: o primeiro trecho é mais objetivo, trazendo definições objetivas e voltadas à realidade sobre o vocábulo “lua”; o segundo trecho é mais poético, dando vida à lua, ressignificando e colocando em conflito a definição dada anteriormente (“satélite natural”, inanimado). Trata-se de uma atividade para instigar os alunos para que eles percebam a diferença de estilo/linguagem entre os dois trechos, bem como para mostrar como o mito pode ressignificar o sentido das palavras.

Leitura dos trechos

Lua

Significado de Lua
substantivo feminino

- Satélite em órbita (ao redor) de um planeta: as luas de Saturno.
- Satélite natural do planeta Terra cuja órbita dura cerca de 27 dias, 7 horas e 43 minutos (com maiúsculas): gosto de olhar a Lua.

Fonte: Lua, Dicionário Online de Português, disponível em:
<<https://www.dicio.com.br/lua/>>. Acesso em: 7 out. 2018.

“A lua tinha uma filha branca e em idade de casar. Um dia apareceu-lhe em casa um monhé pedindo a filha em casamento. A lua perguntou-lhe:- Como pode ser isso, se tu és monhé? Os monhés não comem ratos nem carne de porco e também não apreciam cerveja... Além disso, ela não sabe pilar.”

Fonte: A lua feiticeira e a sua filha”, disponível em:
<<http://www.ponto.altervista.org/Lugares/Lendas/luna.html>>. Acesso em: 5 out. 2018.

O que você achou dos textos? Quais diferenças entre eles?

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

Slide 4 Desenvolvimento

Tempo sugerido: 28 minutos

Orientações:

Anuncie, inicialmente, que serão lidos mitos/lendas sobre assuntos diversos e produzidos coletivamente por diferentes povos. Para ter acesso aos textos, clique [aqui](#).

Entregue um texto para cada grupo e peça que os alunos iniciem a leitura compartilhada em seus grupos. É importante que os alunos, durante a leitura dos textos, prestem atenção aos trechos grifados.

Durante a leitura, circule pela sala, observando a dinâmica de leitura dos grupos.

O tempo médio para a sequência de atividades deste slide é de, aproximadamente, 10 minutos.

Atividade em grupo

Leitura dos textos:

- 1. O Princípio: O Caos**
- 2. A lua feiticeira e a sua filha**
- 3. Os filhos do Trovão**
- 4. Por que o Sol e a Lua foram morar no céu**

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

Slide 5 Desenvolvimento

Orientações:

Depois da leitura dos textos entregues em cada grupo, peça que respondam às questões: “O que os trechos grifados têm em comum? No texto lido, quem realiza as ações dos fragmentos grifados: seres humanos, animais, objetos ou elementos da natureza? É possível, fora do mito, o céu engravidar a terra (texto 1), a lua falar (texto 2), o trovão ter um filho (texto 3) e o sol visitar a água (texto 4)? Fora do mito, essas ações destacadas geralmente são realizadas por qual(is) ser(es)? Esse recurso deixa o texto sem sentido? Por que você acha que esse recurso é comum nos mitos?”

Peça que os alunos, durante a atividade, voltem ao texto lido para responder às questões. A atividade permitirá que os alunos percebam que a personificação (mesmo não usando este termo durante a aula) é uma figura de linguagem recorrente nos gêneros orais, principalmente nos mitos/lendas, bem como os seus efeitos de sentido. Durante a atividade, circule pela sala, garantindo a participação de todos. Nos casos em que os grupos tiverem mais dificuldades, faça algumas intervenções, fornecendo pistas com o cuidado de não dar respostas prontas.

Dê tempo necessário para que os grupos discutam e construam as suas respostas.

Depois que acabarem, peça que cada grupo exponha as suas anotações para todos da sala, justificando as suas respostas.

Anote as respostas no quadro. Mostre à turma, durante a correção, que, mesmo com mitos/lendas diferentes em cada grupo, os textos possuem relativamente as mesmas características de estilo/linguagem, fazendo o mesmo movimento de personificar (sem usar este termo) elementos inanimados.

O tempo médio para a realização dos procedimentos deste slide é, aproximadamente, de 18 minutos.

Material Complementar:

Ao final destas atividades, caso julgue necessário, também seria interessante relatar aos alunos, em uma linguagem acessível, que os mitos estão carregados de expressividade e de figuras de linguagem. Segundo Carmen Spotti (2011), o contador do mito, em sua prática discursiva, enriquece seu enunciado colocando poesia nas

Atividade em grupo

Responda:

1. O que os trechos grifados têm em comum?
2. No texto lido, quem realiza as ações dos fragmentos grifados: seres humanos, animais, objetos ou elementos da natureza?
3. É possível, fora do mito, o céu engravidar a terra (texto 1), a lua falar (texto 2), o trovão ter um filho (texto 3) e o sol visitar a água (texto 4)?
4. Fora do mito, essas ações destacadas geralmente são realizadas por qual(is) ser(es)?
5. Esse recurso deixa o texto sem sentido?
6. Por que você acha que esse recurso é comum nos mitos?

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

palavras, por meio da linguagem conotativa repleta de figuras de linguagem (como a personificação), “para encantar o público e, ao mesmo tempo, transmitir ensinamentos, histórias e regras tradicionais da sua comunidade”.

Os mitos, de modo geral, estão estreitamente ligados às visões de mundo de um povo. Os textos lidos possuem, então, características dos gêneros de tradição oral, repassados de geração em geração, cuja origem é desconhecida, mas que fundam culturas e povos. Nesses textos, percebendo a ancestralidade do gênero mito, é comum aparecer a personificação, já que, segundo Recouer (2005), esta figura de linguagem é a gênese da ficção, transferindo metaforicamente o inanimado – que se relaciona aos aspectos da realidade cotidiana de determinado povo – ao animado.

Respostas possíveis/ desejáveis:

Todos os trechos falam de elementos que representam elementos da natureza ou animais. São ações de diferentes personagens.

Os personagens geralmente são inanimados – não possuem ações humanas fora do contexto do mito. No texto 1, quem realiza as ações grifadas são Gaia (a Terra) e Urano (o Céu). No texto 2, a lua e alguns animais (porco, javali, zebra e um cágado) realizam as ações. No texto 3, o trovão e os seus filhos. No texto 4, o sol e a água.

Não. Fora do mito, esses elementos não podem realizar essas ações, que são atribuídas a seres humanos.

Essas ações são realizadas por seres humanos.

Não. Esse recurso – dar ações humanas a seres inanimados, animais, objetos e elementos da natureza – enriquece o texto, dando o efeito de veracidade. É importante relatar aos alunos, nesse momento, que essas ações garantem uma coerência interna ao texto, na medida em que cumprem com o propósito do gênero mito: dar explicações aos diferentes fenômenos naturais e sobrenaturais utilizando uma linguagem simbólica e cheia de significados.

Os mitos usam uma linguagem simbólica para explicar fenômenos naturais e sobrenaturais, por isso é comum o uso desse recurso: dar ações humanas a seres inanimados ou que não se comportam como humanos. Também poderá ser apresentada a justificativa de Recouer (2005) para responder à questão: esta figura de linguagem é a

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

primeira e a mais antiga forma de ficção - por isso é recorrente nos mitos e em outros gêneros orais, por sua ancestralidade.

Atividade de descoberta: a personificação nos mitos

Slide 6 Fechamento

Tempo sugerido: 10 minutos

Orientações:

Peça que os alunos, ainda em grupos, escrevam as suas conclusões sobre a aula em seus cadernos.

Depois disso, peça que as duplas exponham as suas respostas. Anote-as no quadro e peça que todos os alunos registrem em seus cadernos.

Esclareça que esse recurso de linguagem frequente nos mitos é chamado de “personificação”. Depois, dê o seu significado e anote no quadro a sua definição: é o efeito de atribuir características ou ações humanas a objetos, a elementos da natureza e a seres inanimados.

Caso tenha ficado dúvida de algum aluno, retome as atividades da aula e faça um percurso até chegar na conclusão.

Para finalizar

Em grupo:

Nossas conclusões sobre esta aula

O Princípio: O Caos

[...] para a surpresa do próprio Caos, aparece uma deusa chamada de Gaia – a Terra. A mãe natureza, ou seja, o mundo físico em toda sua grandeza de montanhas, florestas, oceanos, céu e tudo mais que existe até hoje. Surge também outro Deus – Eros – que com sua flecha a vida do Universo se torna real. Eros era o próprio “amor”, mas não o amor entre os humanos, até porque não existia gente. Entretanto, Eros decididamente influencia Gaia a procriar. Deu certo, ela criou o Céu – ou Urano – em grego.

[...]

Pois bem, assim que Gaia criou Urano, ou o Céu, ele logo veio deitar-se sobre Gaia – a Terra – e não parou mais de ter relações com ela, para a alegria de Eros. Logo, o ventre de Gaia começa a crescer, tudo muito rápido. Daí nasceram de uma só vez 12 filhos. Primeiros nasceram os primeiros 6 homens, que são: Oceano, Céos, Crios, Hipérion, Jápeto e Kronos. Em seguida, as 6 mulheres chamadas de Titâmidas – Teia, Reia, Têmis, Mnemosine, Febe e Tétis. Será que já existia o bolsa-família mitológico?

Apesar de tudo isso, Urano era insaciável, pois não saía de cima de sua esposa, não dava tempo nem para ela ver a “novela”. Gaia já estava cansada de parir tanto filho. Mas, Urano não parava de engravidá-la. E haja nascer filhos, cada vez mais gigantes e monstruosos. Nasceram os três ciclopes: Brontes, Estéropes e Arges. Depois vieram mais três monstros: Coto, Briareu e Giges, chamados de hecatônquiros, gigantes com cem braços e 50 cabeças.

Fonte: “O Princípio: O Caos”, disponível em: <<http://www.afilosofiaestanoar.blog.br/sem-categoria/o-principio-o-caos/>>.

Acesso em: 4 out. 2018.

A lua feiticeira e a sua filha

A lua tinha uma filha branca e em idade de casar. Um dia apareceu-lhe em casa um monhé pedindo a filha em casamento. A lua perguntou-lhe:- Como pode ser isso, se tu és monhé? Os monhés não comem ratos nem carne de porco e também não apreciam cerveja... Além disso, ela não sabe pilar."

O monhé respondeu: "Não vejo impedimento porque, embora eu seja monhé, a menina pode continuar a comer ratos e carne de porco e a beber cerveja... Quanto a não saber pilar, isso também não tem importância pois as minhas irmãs podem fazê-lo". A lua, então, respondeu: "Se é como dizes, podes levar a minha filha que, quanto ao mais, é boa rapariga."

O monhé levou consigo a menina. [...]

Dias depois, o monhé saiu para o mato à caça. Na sua ausência, as irmãs chamaram a rapariga (sua cunhada) para ir pilar com elas para as pedras do rio e esta desatou a chorar. [...]

Quando chegaram ao rio puseram-lhe o pilão na frente, entregaram-lhe um maço e ordenaram que pilasse. A rapariga começou a pilar mas com uma mágoa tão grande que as lágrimas não paravam de lhe escorrer pela cara.

[...] a rapariga, sempre a pilar e juntamente com o pilão, começou a sumir-se pelo chão abaixo, por entre as pedras que, misteriosamente, se afastavam. E foi mergulhando, mergulhando... até desaparecer. [...]

A lua, muito irritada, disse: "A minha filha desapareceu porque não cumpriste o que prometeste. Faz como quiseres, mas a minha filha tem de aparecer!"

"Mas como posso ir ao encontro dela se desapareceu pelo chão abaixo?"

A lua mudou, então, de aspecto e, mostrando-se conciliadora, disse: "Bom, vou mandar chamar alguns animais para se fazer um remédio que obrigue a minha filha a voltar... Vai para o lugar onde desapareceu a minha filha e espera lá por mim."

O monhé foi-se embora e a lua chamou um criado ordenando: "Chama o javali, a zebra, a gazela, o búfalo e o cágado e diz-lhes que compareçam, sem demora, nas pedras do rio onde desapareceu a minha filha". O criado correu a cumprir as ordens e os animais convidados apressaram-se para chegar ao lugar indicado. A lua também para lá se dirigiu com um cesto de alpista.

Quando chegou ao rio, derramou um punhado de alpista numa pedra e ordenou ao porco que moesse. [...]

Nesse momento ouviu-se a voz cava da menina que, debaixo do chão, respondia: "Não te conheço!". O javali, despeitado, largou a pedra das mãos e afastou-se cabisbaixo.

Aproximou-se em seguida a zebra e, enquanto moía, cantou: "Eu sou a zebra e estou a moer alpista para que tu, rapariga, apareças ao som da minha voz!". Ouviu-se novamente a voz da menina que dizia: "Não te conheço!"

A gazela e o búfalo ajoelharam também junto do moinho, fazendo a sua invocação, mas a menina deu a ambos a mesma resposta: "Não te conheço!"

Por último, tomou a pedra o cágado e, enquanto moía, cantou: "Eu sou o cágado e estou a moer alpista para que tu, rapariga, apareças ao som da minha voz!". A menina cantou, então, em voz terna e melodiosa: "Sim, cágado, à tua voz eu vou aparecer!"

E, pouco a pouco, a menina começou a surgir por entre as pedras do rio, juntamente com o pilão, mas sem pilar. [...] Os animais juntaram-se todos, curiosos, à volta da menina.

Então, a lua disse: "Agora a minha filha já não pode continuar a ser mulher do monhé pois ele não soube cumprir o que me prometeu. Ela será, daqui para o futuro, mulher do cágado, pois só à sua voz é que ela tornou a aparecer".

[...] Da ligação do cágado com a filha da lua é que descendem todos os cágados do mundo...

Os filhos do Trovão

Diz, então, que num tempo muito antigo o Trovão deu um estrondo tão forte que o Céu rachou e começou a gotejar sangue. O sangue caiu em cima dele próprio, Trovão [...], e secou sobre o seu corpo. Algum tempo se passou e o Trovão trovejou outra vez, e o sangue que estava sobre ele virou carne. Mais adiante, um novo trovejar fez com que a carne se desprendesse do seu corpo e fosse cair sobre a Terra. Ao tocar o solo, a carne se despedaçou em mil pedaços, e estes pedaços se transformaram em gente - homens e mulheres.

Assustadiços por natureza, os filhos do Trovão correram logo a se meter no interior da primeira gruta, assim que anoiteceu (eles eram ignorantes das coisas da Terra, então, ao verem o sol desaparecer, imaginaram que ele nunca mais retornaria).

Quando começou a amanhecer, porém, tiveram uma grata surpresa: o céu voltava, pouco a pouco, a tomar uma coloração vermelha, sob o efeito da luz do sol.

Eles observaram o sol subir ao céu e, quando ele chegou ao zênite, sentiram fome. No alto de uma árvore, viram, então, um pássaro alimentando-se de um fruto.

- Façamos o mesmo! - disse um dos filhos do Trovão.

Para uma primeira frase, não estava nada mal. Demonstrava prudência aliada a uma boa observação.

Os tárias - já podemos chamá-los assim - subiram na mesma árvore e foram comer dos mesmos frutos com os quais a ave se alimentava. Empanturraram-se até a noite voltar, quando todos, assaltados novamente pelo medo, foram se meter no interior da gruta.

No dia seguinte, bem cedo, treparam outra vez na árvore para saciar a fome. Debaixo dela, surgiram dois cervos, macho e fêmea, que também

começaram a se alimentar dos frutos que caíam. Dali a pouco, um dos cervos montou sobre o outro, e os dois esqueceram-se de tudo o mais.

[...]

Durante a noite, a Mãe do Sono - uma das tantas Cys, as mães divinas indígenas de tudo quanto há na mata - visitou-os em sua gruta para contar-lhes quem eles eram. Depois, transformou-os em cervos, e eles foram correndo para baixo da árvore repetir alegremente o que o casal de cervos de verdade havia feito.

Quando o dia amanheceu, os pares ainda estavam abraçados, um homem para cada mulher.

E foi assim que os tárias deram início à sua gloriosa descendência.

Fonte: "Os filhos do Trovão", disponível em: <http://www.folclore.net.br/lendas-folcloricas/os-filhos-do-trovaio_10.php>. Acesso em: 5 out. 2018.

Por que o Sol e a Lua foram morar no céu

Há muito tempo, o sol e a água eram grandes amigos e viviam juntos na Terra. Habitualmente o sol visitava a água, mas esta jamais lhe retribuía a gentileza. Por fim, o sol quis saber qual o motivo do seu desinteresse e a água respondeu que a casa do sol não era grande o bastante para que nela coubessem todos com que vivia e, se aparecesse por lá, acabaria por despejá-lo de sua própria casa.

— Caso você queira que eu realmente o visite, terá que construir uma casa bem maior do que a que tem no momento, mas desde já fique avisado de que terá que ser algo realmente muito grande, pois o meu povo é bem numeroso e ocupa bastante espaço.

O sol garantiu-lhe que poderia visitá-lo sem susto, pois trataria de tomar

todas as providências necessárias para tornar o encontro agradável para ela e para todos que o acompanhassem. Chegando em casa, o sol contou à lua, sua esposa, tudo o que a água lhe pedira e ambos se dedicaram com muito esforço à construção de uma casa enorme que comportasse sua visita.

Quando tudo estava pronto, convidaram a água para visitá-los.

Chegando, a água ainda foi amável e perguntou:

— Vocês têm certeza de que realmente podemos entrar?

— Claro, amiga água— respondeu o sol.

A água foi entrando, entrando e entrando, acompanhada de todos os peixes e mais uma quantidade absurda e indescritivelmente grande, incalculável mesmo, de criaturas aquáticas. Em pouco tempo a água já se encontrava nos joelhos.

— Vocês estão certos de que todos podem entrar? — insistiu preocupada.

—Por favor, amiga água — insistiu a lua.

Diante da insistência de seus anfitriões, a água continuou a despejar sua gente para dentro da casa do sol. A preocupação voltou quando ela atingiu a altura de um homem.

— Ainda posso entrar? — insistiu — Olha que está ficando cheio demais...

—Vai entrando, minha amiga, vai entrando — o sol realmente estava muito feliz com a sua visita.

A água continuou entrando e jorrando em todas as direções e, quando deram pela coisa, o sol e a lua viram-se forçados a subir para o alto do telhado.

—Acho que vou parar... —disse a água, receosa.

—O que é isso, minha água? — espantou-se o sol, mais do que educado, sem esconder uma certa preocupação.

A água continuou jorrando, empurrando seu povo para dentro, ocupando todos os cômodos da ampla casa, inundando tudo e, por fim, fazendo com que o sol e a lua, sem ter mais pra onde ir ou se refugiar, subissem para o céu, onde estão até hoje.